

## Centrais tomam Planalto em ato pró-Lula

O ato de solidariedade ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, organizado por centrais sindicais no Salão Nobre do Palácio do Planalto, teve tons de uma assembléia, com discursos agressivos, palavras de ordem e agito de bandeiras. Nos discursos, os sindicalistas disseram que os movimentos sociais vão reagir a qualquer tentativa de desestabilização do governo Lula e de derrubar o presidente.



Na mesa central do ato, o ex-sindicalista Lula, homenageado por cerca de mil sindicalistas vinculados à Central Única dos Trabalhadores (CUT), à Central Geral dos Trabalhadores (CGT) e à Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB). Força Sindical, Social Democracia Sindical (SDS) e Central Autônoma dos Trabalhadores (CAT) não foram ao ato.

Os discursos mais duros foram do presidente da CGTB, Antônio Neto, e do vice-presidente da CUT, Wagner Gomes.

— Não se aventurem a tentar desestabilizar o governo Lula porque os trabalhadores, o movimento sindical, os movimentos sociais, os estudantes vão reagir. Não ousem tentar derrubar um operário — disse Gomes.

Ele foi interrompido por palavras de ordem da platéia: “um, dois, três é Lula outra vez” e “trabalhador unido jamais será vencido”. No ato, Lula recebeu de sindicalistas da CUT baiana um “kit contra coisa feita”, para protegê-lo do mau olhado e das mandingas. O kit tem figa, carranca de São Francisco, fitinhas do Senhor do Bonfim para Lula distribuir aos ministros e sabonetes de arruda e de sal grosso.

Os sindicalistas entregaram uma carta a Lula, lida no ato pelo secretário-geral da CUT, João Felício, na qual defendem a apuração das denúncias, mas defendem Lula. Apesar do boicote da Força Sindical ao ato, sindicalistas vinculados à central foram ao Planalto. (Luiza Damé e Cristiane Jungblut) (*O Globo*, 12.07.2005)

## Perfil negociador destaca Marinho

Marli Olmos De São Paulo

Ao chegar ontem em Brasília, véspera da sua posse como ministro do Trabalho, o metalúrgico Luiz Marinho repetiu, mais uma vez, que “atendeu a um chamado” do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Não foi a primeira vez. Foi também por desejo do velho amigo que Marinho lançou-se à disputa pela direção da Central Única dos Trabalhadores no mesmo ano em que Lula assumia a Presidência do Brasil.

Oriundo da mesma base sindical de Lula, o novo ministro do Trabalho disse também ontem estar certo de que a experiência de mais de mais de 20 anos de relacionamento com o empresariado o credencia a se sair bem no cargo. Além disso, quer, entre outras coisas, perseguir a política de valorização do salário mínimo.

Em 2002, Marinho foi candidato a vice na chapa de José Genoíno, que disputou o governo de São Paulo. Ele poderia ter seguido carreira na política, seguindo a trajetória de tantos outros

dirigentes sindicais, se Lula não tivesse demonstrado o desejo de vê-lo à frente da maior central sindical da América Latina. Foi assim que ele assumiu a presidência da CUT, em julho de 2003, depois dos dois mandatos na presidência do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Foi no sindicato que Marinho, hoje advogado com 46 anos de idade, despontou como sindicalista dos tempos de globalização. O movimento sindical habituado a agitar a indústria automobilística começou a perceber que emprego em multinacional passou a ser mais do que nunca uma disputa global.

Dessa forma, as campanhas por avanços nos direitos dos trabalhadores começaram a ser substituídas por lutas em favor da manutenção dos próprios empregos e dos direitos adquiridos no passado.

Foi nesse novo cenário que Luiz Marinho obteve acordos inéditos de estabilidade no emprego em duas das maiores montadoras do Brasil - Ford e Volkswagen. Em meio a impasses nas negociações com as direções das duas empresas no Brasil, Marinho decidiu ir negociar com as matrizes. No início de 2001, foi a Detroit, EUA, sede da Ford, e fechou acordo de estabilidade de cinco anos para os operários da fábrica de São Bernardo.



Meses depois, no mesmo ano, viajou até Wolfsburg, na Alemanha, e conseguiu acordo parecido para os empregados da Volks também em São Bernardo. O freio nas demissões perdura até hoje: os dois acordos de estabilidade se encerram em 2006.

O dirigente sindical, que trocou a lavoura em Cosmorama, cidade paulista onde nasceu, pela pintura em automóveis na Volkswagen em 1978, sempre teve um comportamento calmo, elegante e discreto. Ele próprio se auto define como sindicalista de um tempo em que "não basta fazer um discurso bravo".

O perfil manso nunca o livrou, porém, dos inimigos e de forte oposição dentro da própria base. Focos de correntes das alas mais radicais da CUT atuam, inclusive, dentro da Volkswagen, onde Marinho foi funcionário. A oposição à Articulação, corrente de Marinho e Lula, ganhou ainda mais força depois da posse de Lula e tem forte presença na CUT. Marinho e seu sucessor no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, José López Feijóo, se acostumaram até às vaias da oposição durante discursos nos portões da Volks.

Na presidência da CUT, Marinho fez algum barulho para protestar contra a política econômica do governo. Recentemente, lançou uma proposta para nova composição do Conselho Monetário Nacional (CMN), que previa aumento do número de membros dos atuais três para dez. Desses, cinco seriam do governo e cinco da sociedade.

A mobilização ganhou adesão de empresários e do meio acadêmico. Entre as metas da mudança, Marinho apontava a necessidade de "sair da lógica do controle da inflação por meio de juros". Para ele, o formato do CMN de inibia investimentos e crescimento.

Em seus discursos como sindicalista, Marinho pregou que o país precisava "mais do que metas de inflação e recordes de arrecadação". Nessas situações, o então dirigente da CUT defendeu "o desenvolvimento a partir da valorização do trabalho formal e do crescimento por meio da produção". Ele também levantou as bandeiras de aumento do salário médio e da massa salarial, distribuição de renda e geração de emprego.

No comando da CUT, Marinho também foi defensor do pluralismo sindical e da liberdade de os assalariados se organizarem nos no local de trabalho. Nesse processo, o dirigente defendeu a negociação coletiva, com os contratos de trabalho nacionais ou estaduais por atividade, a exemplo do que acontece com os metalúrgicos da Alemanha ou Estados Unidos, que pertencem a uma única entidade. E mais recentemente, o então presidente da CUT levantou a bandeira contrária à flexibilização dos direitos trabalhistas.

Luiz Marinho começou a trabalhar como metalúrgico em 1978. Em 1984, foi eleito tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Nas gestões seguintes, foi secretário-geral e vice-presidente, até se tornar o presidente da entidade, de 1996 a 2003, quando, então, assumiu a CUT. (*Valor Econômico*, 12.07.2005)

## Acordo Marco com a EADS/CASA

A Federação Internacional dos Metalúrgicos (FITIM) assinou um Acordo marco Internacional com a Companhia Européia Defesa Aeronáutica e Espacial (European Aeronautic Defence and Space Company - EADS).

A Fitim juntou-se aos seus colegas europeus na assinatura de um acordo marco internacional com a EADS. O acordo estabelece que a EADS quer aumentar o seu desempenho econômico com base nos padrões e princípios consistentes com as convenções da OIT e com as Diretrizes da OECD para as Multinacionais.

O acordo reconhece o direito á liberdade de associação e o direito à negociação coletiva. As convenções da OIT referidas no acordo incluem provisões relativas à não utilização do trabalho forçado e do trabalho infantil, o direito à oportunidades iguais e a não discriminação. A EADS compromete-se também a promover o treinamento continuado e a proteger a saúde e a segurança no ambiente de trabalho.

O termo assinado prevê que os fornecedores da EADS reconhecerão e aplicarão os princípios acordados e os encoraja a introduzir e implementar praticas equivalentes em suas companhias.

O acordo foi primeiramente assinado com o Conselho Europeu dos Trabalhadores da EADS no fim de junho e posteriormente, no principio de julho, assinado pelo presidente da FITIM Jürgen Peters e por seu secretário-geral Marcello Malentacchi. (AG) (FITIM, 08.07.2005)

O acordo assinado com a EADS pode ser baixado desde : [http://www.imfmetal.org/main/files/05071112254566/IFA\\_EADS\\_spa.pdf](http://www.imfmetal.org/main/files/05071112254566/IFA_EADS_spa.pdf)

A CNM-CUT assinou no ano passado um acordo com a EADS/CASA com o mesmo sentido do agora assinado com a FITIM. A EADS/CASA encarrega-se da modernização dos aviões da FAB.

## Pressões da Iveco/Fiat argentina

Os trabalhadores da fábrica de caminhões Fiat/Iveco de Córdoba denunciaram "pressões e ameaças de demissão" em consequência da greve de 2 horas em cada turno durante a campanha salarial, informou ao Diário Gremial o Sindicato de Mecánicos y Afines del Transporte Automotor (SMATA).

A denuncia foi feita em frente á fabrica no complexo fabril Ferreira ao sul da cidade durante a paralisação das 9 às 11 horas. A campanha do SMATA por melhores salários inclui também os trabalhadores das empresas Renault, Ferrosider Gestamp, Polimont e Perdriel, às quais o sindicato exige a abertura de negociação salarial.

## Denúncia de corrupção abala Volkswagen

O chefe do conselho de fábrica da montadora alemã, Klaus Volkert, 62 anos, pediu afastamento do cargo em meio a suspeitas de corrupção. Rumores atingem outros grandes nomes da empresa.

Volkert, chefe de um dos mais poderosos conselhos de fábrica da Alemanha, disse a uma assembléia de trabalhadores, na quinta-feira (30/06), que estava se afastando devido a sua idade e que seria sucedido pelo seu suplente, Bernd Osterloh, já nesta sexta-feira. Mas especulações dentro da empresa afirmam que ele deixou o posto devido a um suposto envolvimento com o escândalo de corrupção na Skoda, empresa tcheca do grupo Volkswagen.

O caso já levou à renúncia do diretor de Recursos Humanos da Skoda, Helmuth Schuster, há cerca de duas semanas. Schuster está sendo acusado de exigir o pagamento de comissões a fornecedores da montadora. Com a ajuda de "testas-de-ferro", ele teria controlado empresas no exterior que fecharam contratos lucrativos com a Skoda.



Volkert era chefe do conselho de fábrica da VW desde 1990 e fazia parte do conselho fiscal. Nos anos 90, ele teve participação na introdução da semana de quatro dias na Volkswagen e no projeto "5000 x 5000", polêmica proposta de 1999 que previa a contratação de 5 mil trabalhadores por 5 mil marcos mensais para a construção de um carro. Suas fortes ligações com a diretoria o tornaram impopular entre alguns trabalhadores.

Auditoria externa

A VW quer saber se Volkert e Schuster estão envolvidos com uma companhia que se candidatou a um contrato de fornecimento com a Skoda. Volkert negou estar envolvido em atividades criminosas.

O presidente da VW, Bernd Pischetsrieder, contratou uma auditoria externa para apurar o caso. Ele também levou ao conhecimento do Ministério Público em Braunschweig que há um escândalo de corrupção na empresa. O Ministério Público divulgou que o envolvimento de Volkert no caso não está comprovado.

### **Brasileira estaria envolvida no escândalo da Volkswagen**

Imprensa alemã afirma que mulher com quem ex-chefe do conselho de fábrica da Volks mantinha "relação pessoal" foi beneficiada com contrato de publicidade. Montadora nega-se a comentar o que classifica de especulações.

Uma suposta amante brasileira do ex-chefe do conselho de fábrica da Volkswagen, Klaus Volkert, teria se beneficiado de "generoso" apoio da montadora por meio de um "evitável" contrato de publicidade, afirma em sua edição desta semana a revista Focus, equivalente alemã à brasileira Época. A relação entre os dois está sendo investigada por auditores internos da empresa, assegura a revista.

Volkert, que é casado, teria conhecido a brasileira Adriana B. em 1998 no Brasil. A revista diz que, posteriormente, ela teria se encontrado com o sindicalista numa casa de propriedade da montadora na cidade de Braunschweig. A Volks também teria financiado a compra de uma moradia no Brasil para a suposta amante, que vive em São Paulo.

### **Viagens pagas pela Volkswagen**

Ainda segundo a Focus, ela teria acompanhado Volkert em viagens pelo exterior e, no início de junho, teria se hospedado com ele num hotel cinco estrelas em Lisboa. A Der Spiegel, maior revista semanal da Alemanha, publica que a brasileira teria viajado várias vezes para a Alemanha na primeira classe, com custos pagos pela Volks.

A Focus afirma que na cidade de Gifhorn, no Estado da Baixa Saxônia, há uma conta corrente em nome da brasileira, na qual a Volkswagen teria depositado 23.008 euros por trimestre. A quantia foi confirmada à revista pela brasileira, que negou ter um caso com o ex-chefe do conselho de fábrica. Ela disse ter trabalhado para a empresa produzindo vídeos publicitários. O mais recente teria sido um comercial para a Volkswagen do Chile.

Os auditores internos da Volkswagen querem agora descobrir quem mais sabia do caso. A Focus afirma que as contas da mulher foram pagas por um alto funcionário da montadora, que teria sido demitido nas últimas semanas. Segundo o semanário Wirtschaftswoche, até 70 pessoas estariam supostamente envolvida no caso.

O porta-voz da Volkswagen Thomas Mickeleit disse à DW-WORLD que "tudo o que está sendo divulgado pelos meios de comunicação são especulações, e nossa posição é não comentar especulações. Não posso confirmar nem desmentir aspectos isolados, porque isso teria consequências para a investigação independente que está sendo feita".

### **Ministério Público investiga empresas**

Volkert se afastou na semana passada da chefia do conselho de fábrica da Volkswagen em meio a suspeitas de desvio de dinheiro. Ele está sendo acusado de participar de um suposto esquema comandado pelo ex-diretor de Recursos Humanos da Skoda, Helmut Schuster. Por meio do esquema, empresas fornecedoras controladas indiretamente por Schuster teriam se beneficiado de contratos lucrativos com a Skoda.

Segundo a Promotoria Pública de Braunschweig, estão sendo investigadas empresas que mantinham relações com Schuster. Há denúncias de que dinheiro da Volkswagen ou da Skoda teria sido transferido para essas empresas ou para contas privadas. "Provavelmente mais de uma empresa está envolvida", afirmou o assessor de imprensa do Ministério Público, Klaus Ziehe.

A Volkswagen também contratou a empresa de auditoria independente KPMG para averiguar as denúncias. O trabalho dos auditores começou nesta segunda-feira (04/07).

### **Sem atestado de inocência para Hartz**

O governador da Baixa Saxônia, Christian Wulff (CDU), defendeu, em entrevista à televisão alemã, que as acusações sejam totalmente apuradas. Ele disse esperar que o suposto envolvimento do diretor de Recursos Humanos da Volkswagen, Peter Hartz, também seja investigado. "Não devem ser dados atestados de inocência para Peter Hartz ou para quem quer que seja", afirmou. Hartz é

um dos principais executivos alemães e colaborador do governo do chanceler Gerhard Schröder (SPD).

O governo da Baixa Saxônia detém 18,2% das ações da Volks, mas a chamada Lei VW garante que ninguém pode agir contra o Estado na empresa.

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos (IG-Metall) e membro do conselho diretor da Volkswagen, Jürgen Peters, disse que devem ser evitados prejulgamentos no escândalo de corrupção. Segundo ele, há apenas especulações na imprensa. Ele elogiou a decisão da montadora de contratar uma auditoria externa para tratar do caso.



Peters criticou Wulff. "Se o senhor Wulff dispõe de informações que justificam uma acusação a um membro da diretoria, então é seu dever apresentá-las numa reunião extraordinária do conselho fiscal." Para ele, fica a impressão de que Wulff deseja desacreditar o modelo alemão de participação dos trabalhadores na gestão empresarial.

### **Fábrica na Índia adiada**

O escândalo já estaria tendo conseqüências para os planos de expansão da Volkswagen no exterior. Segundo os jornais Tagesspiegel e Handelsblatt, o presidente da montadora, Bernd Pischetsrieder, teria adiado o início da construção de uma fábrica na Índia. Também o projeto de construção de uma linha de montagem em Angola teria sido suspenso. A Volkswagen não confirmou as informações.

### **Empresas de fachada e prostituição no caso Volks**

Novas revelações da imprensa alemã aumentaram ainda mais o escândalo de corrupção na Volkswagen.

Altos funcionários da montadora alemã criaram uma rede de seis empresas de fachada que negociavam com a Volks, afirma em sua edição desta terça-feira (05/07) o jornal Süddeutsche Zeitung, de Munique. A holding dessa rede é uma empresa suíça de nome Impesa. A Promotoria Pública de Braunschweig investiga quanto dinheiro teria sido transferido para contas bancárias em nome dessas empresas.

Segundo o diário, o ex-diretor de Recursos Humanos da Skoda, Helmuth Schuster, e outros altos funcionários da montadora de Wolfsburg começaram a fundar empresas de fachada em 2001. Outro envolvido no escândalo é o ex-chefe do conselho de fábrica da Volks, Klaus Volkert. A Skoda é uma montadora tcheca que pertence ao grupo Volkswagen.

### **Investigação em empresas em vários países**

Em maio de 2001 foi fundada em Praga a empresa F-Bel, na qual Schuster e Volkert teriam participação, informa o diário, citando fontes da Promotoria. A F-Bel seria uma fornecedora da Skoda. Também são investigadas empresas de fachada na Índia, em Angola, na República Tcheca, em Luxemburgo e na Suíça. A suspeita é de que elas teriam sido favorecidas em contratos de fornecimento com a Volks. Mas, segundo a promotoria, a revelação do escândalo teria impedido maiores prejuízos para a montadora alemã.

Também há suspeitas de que a diretoria da Volkswagen teria pago "viagens de luxo" para membros do conselho de fábrica, o órgão que representa os interesses dos trabalhadores da empresa. Segundo uma fonte interna da Volks citada pelo jornal, a diretoria "molhava a mão" do conselho de fábrica há mais de uma década.

Viagens de lazer de membros do conselho para o Brasil e outros países teriam sido pagas pela diretoria. Elas incluíam encontros com prostitutas. Segundo o Süddeutsche, há recibos de mais de 30 mil euros gastos em encontros com prostitutas. Alguns estariam assinados pelo diretor de Recursos Humanos da Volkswagen, Peter Hartz. (as) 0507

### **Hartz encaminha demissão à Volkswagen**

O escândalo de corrupção na montadora atingiu uma das maiores estrelas da empresa: o estreito colaborador do governo Schröder e diretor de Recursos Humanos, Peter Hartz, encaminhou sua demissão ao conselho fiscal.

A Volkswagen divulgou nota nesta sexta-feira (08/07) informando sobre o pedido de demissão, mas não deixou claro quais são os motivos que levaram o diretor de Recursos Humanos a solicitar seu afastamento. Segundo a empresa, o conselho fiscal ainda não decidiu se aceitará o pedido de demissão.

### Suspeitas de corrupção

A pressão sobre Hartz se intensificou nos últimos dias com as suspeitas de que ele estaria envolvido em supostos casos de corrupção na empresa. Ele é um dos mais conhecidos empresários alemães e colaborador do governo de Gerhard Schröder. Hartz foi o responsável pela reforma do mercado de trabalho implementada pelo governo e que leva o nome dele.

Segundo matéria publicada esta semana pelo jornal Financial Times Deutschland, Hartz teria colocado um orçamento generoso à disposição do conselho de fábrica e negligenciado o controle dos gastos. Ele negou que a diretoria tenha tentado "comprar" integrantes do conselho de fábrica, o órgão que representa os trabalhadores da empresa.

A Volkswagen divulgou nota confirmando a existência do orçamento e afirmando que ele é legal e permite que o conselho tenha meios para cumprir seu trabalho.

### Viagens ao Brasil

Notícias divulgadas anteriormente pela imprensa alemã afirmavam que integrantes do conselho de fábrica participaram de "viagens de lazer" para vários países, incluindo o Brasil, na companhia de prostitutas. A Volkswagen teria pago as contas.

O ex-presidente do conselho, Klaus Volkert, pediu seu afastamento no último dia 30 após mais de dez anos no cargo. Desde então, há cada vez mais acusações de que Hartz e Volkert estariam envolvidos no escândalo de corrupção.

Na última quarta-feira, o advogado e político do partido FDP Wolfgang Kubicki – que defende um ex-integrante da diretoria da Volkswagen acusado de participar do suposto esquema de corrupção – , afirmou que seu cliente agiu sob exclusiva orientação de Hartz.

Segundo Kubicki, o ex-funcionário era responsável por organizar viagens para os integrantes do conselho de fábrica e providenciar o bem-estar dos contemplados.(as) (*Deutsche Welle, 05 a 08.07.2005*)



## Executivo teve atuação forte no Brasil

Marli Olmos De São Paulo

Poucos executivos com cargos na direção mundial da indústria automobilística atuaram de maneira tão próxima de uma filial brasileira como Peter Hartz. Entre as ações, destaca-se o acordo de estabilidade no ABC.

Foi Hartz quem há quatro anos reverteu um plano de demissão elaborado pela direção da Volks no Brasil. Diante do impasse nas negociações com o então presidente da montadora no país, Herbert Demel, Luiz Marinho, que ocupava a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, foi até a Alemanha e conseguiu fechar com Hartz acordo de estabilidade que vai até 2006.

A subsidiária brasileira também copiou da Alemanha o programa, de autoria de Hartz, de jornada flexível, que permite reduzir carga de trabalho para quatro dias por semana quando a produção cai.

Depois do acordo, Demel deixou a empresa. Antes disso, Hartz chamou o então diretor de recursos humanos no Brasil para explicar os motivos do seu próprio pedido de demissão, revertido, logo depois. Também foi Hartz o criador da Autovisão, empresa que a Volks criou na Alemanha para buscar novas colocações aos empregados ociosos.

Hartz veio ao Brasil diversas vezes. Em algumas falou com a imprensa. Caso de outubro de 2003, quando aproveitou o lançamento do Fox para dar sua opinião sobre o fracasso da implantação da Autovisão no país: "Para mim, a instalação da Autovisão no Brasil teve problemas de comunicação". (*Valor Econômico, 11.07.2005*)

## Mercosul minado

A Tríplice Fronteira pode vir a se constituir numa região sob medida para o governo Bush dar vazão às práticas unilaterais de sua doutrina de segurança

Carlos Maurício Pires e Albuquerque Ardisson - Mestre em relações internacionais pela PUC-RJ

Causou celeuma e preocupação de setores da intelectualidade e do poder público do Brasil a notícia de que o governo do Paraguai teria autorizado a instalação, em seu território, de uma base militar dos Estados Unidos. Prontamente, o embaixador do Paraguai no Brasil, Luís González Arias, desmentiu a informação. Dias depois, a chanceler do governo paraguaio, Leila Rachid, e o ministro da Defesa, Roberto González, emitiram comunicado conjunto, também negando que existam planos para a instalação da base e esclarecendo o que há de concreto nessa história: no período compreendido entre os dias 1º de junho de 2005 e 1º de dezembro de 2006, serão realizados exercícios militares bilaterais pelas forças armadas dos dois países, sendo essa a razão para a autorização, pelo Congresso paraguaio, do ingresso das tropas norte-americanas em território guarani. A embaixada norte-americana em Assunção emitiu comunicado semelhante, afirmando que "os EUA não têm intenção alguma de estabelecer uma base militar em algum lugar do Paraguai".

Apesar dos esclarecimentos, o alarme com que a notícia foi recebida no Brasil e as desconfianças que ela gerou são sintomáticos: o Mercosul está longe de se tornar uma verdadeira "comunidade de nações", patamar de integração política que exige delegação de tarefas estratégicas a instâncias supranacionais, renúncia a prerrogativas significativas de soberania, transparência nas negociações diplomáticas e a existência de um sistema de segurança e defesa coletiva. Muitos são os obstáculos que impedem uma ampla cooperação entre os sócios do Mercosul nos assuntos de segurança e defesa. Os resquícios de rivalidades históricas, o baixo perfil das instituições comuns, as divergências em matéria de política externa e as diferentes visões de mundo entre atores estatais, especialmente os militares, impedem o avanço do Mercosul para um degrau mais elevado de escala comunitária. No caso do Paraguai, os militares sempre desempenharam papel privilegiado na vida política. O cenário político-institucional se caracteriza, ainda hoje, pela simbiose entre três vértices: uma burocracia estatal formada não por critérios de mérito, mas ainda, em boa parte, por práticas de clientelismo; um partido político dominante, o Colorado, há décadas no poder; e as forças armadas, também conservadoras e influentes, constituindo uma espécie de "complexo político-militar-colorado".

No Brasil, o retorno aos quartéis se deu de forma relativamente tranqüila para os militares, possibilitando que as forças armadas voltassem a priorizar seus objetivos originais, como a defesa das fronteiras. As preocupações mais importantes dos oficiais brasileiros se deslocaram da Bacia do Prata para a Amazônia, região exposta à guerrilha colombiana, à biopirataria, ao tráfico de drogas e outras ameaças. Existem, portanto, diferenças significativas na forma como militares brasileiros e paraguaios enxergam as posições que devem ocupar em seus cenários políticos. A constituição de uma "força armada do Mercosul" permanece um projeto utópico, assim como é difícil se falar de uma "política externa comum de segurança e defesa" que possa proteger coletivamente o espaço territorial dos países do bloco. É preciso lembrar que a discussão em torno de normas comuns de segurança e defesa constitui, até hoje, um dos temas mais delicados nas negociações da União Européia.

O que se deduzir então da notícia veiculada no Brasil e posteriores desmentidos? Claramente, o que vemos é que tentam os EUA se aproveitar da debilidade atual do Mercosul, em razão dos desentendimentos entre Brasil e Argentina, da crise política brasileira e da insatisfação crônica de paraguaios e uruguaios com os rumos da integração regional, para testar nosso grau de coesão e disseminar cizânia. A Tríplice Fronteira pode vir a se constituir numa região sob medida para o governo George W. Bush dar vazão às práticas unilaterais de sua doutrina de segurança. Estejamos todos nós, sul-americanos, atentos e não aceitemos o rótulo de alarmistas irresponsáveis, porque os interesses de nossas nações estão em jogo e, deles, não podemos nos furtar. (*O Estado de Minas*, 13.07.2005)

**CNM-Internacional** é um informativo da Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – **CNM-CUT**, editado pela Consultoria Econômica e Social Integrada

Secretário Geral da **CNM** : Fernando Lopes

Jornalista Responsável : Antonio Carlos Castro (MTb 36.741/SP)

[internacional@cnmcut.org](mailto:internacional@cnmcut.org)

<http://www.cnmcut.org.br>